



PODE SER FELIZ UM POVO QUE CHORA?

O estereótipo do brasileiro como um povo festivo e feliz é muito comum, mas um olhar mais próximo o derruba rapidamente. De tantos Brasis entrecruzados, será que algum deles é feliz?

| POR ESTHER SOLANO GALLEGO

Sou espanhola. Faz três anos que moro no Brasil. O olhar que tinha antes sobre o país, que era distante, despreocupado, estrangeiro, transformou-se em outro mais próximo e cuidadoso. O país de cores alegres, com seu povo festivo e feliz aos olhos de quem está fora, agora é o meu lar.

O povo brasileiro é um povo feliz? Fora daqui as respostas sempre convergem no mesmo sentido: brasileiros gostam de futebol, de samba, de sol, de viver a vida. No Brasil é carnaval o ano todo e a vida é uma festa. O país complexo, emaranhado e continental, com suas dificuldades e lutas, reduz-se ao estereótipo festivo do Rio de Janeiro e de Salvador, cidades que, para a maioria dos estrangeiros, representam a totalidade do que há por aqui. O mundo real e cotidiano do brasileiro é invisível: simplesmente inexistente para quem está do outro lado.

FELICIDADE DE SUPERFÍCIE

Daquele outro lado do mundo, a percepção que se tem é que o povo brasileiro é feliz, sim, mas sofre de uma

DE FORA, EXISTE UM SÓ BRASIL, QUE PARECE HOMOGÊNEO E FÁCIL DE ENTENDER. DE DENTRO, ESSE CLICHÊ CAI POR TERRA

felicidade superficial, até inconsequente. Trata-se da felicidade leviana, fútil e quase oca de quem parece não levar a vida muito a sério. Felicidade leve, mas ostensiva.

Na nossa dicotomia simbólica, que enxerga o mundo num maniqueísmo tosco, parece estar presente a ideia de que existem povos de felicidade discreta, séria, calada e até clandestina, e povos de felicidade folclórica, berrante. O Brasil, é claro, está entre estes últimos. O alemão é austeramente feliz, ao passo que o brasileiro é frivolamente feliz. Como se o primeiro construísse sua felicidade e, uma vez atingida, esta fosse consciente, racional, responsável, e para o outro fosse uma coisa dada, levada com inconsistência e certa irracionalidade.



DIALÉTICA

“É claro que a vida é boa / E tenho tudo para ser feliz / Mas acontece que eu sou triste”, cantou Vinicius de Moraes em *Dialética*, poema escrito em 1962.

O povo brasileiro é realmente feliz? Três anos aqui é tempo suficiente para me convencer de que o próprio conceito de “povo brasileiro” é uma ficção, um artefato

simplório. Que povo? Aquele no topo da hierarquia das castas, o branco, o povo-condomínio, o povo-Miami? Ou o povo negro, os povos indígenas confinados nos cantos das grandes fazendas do Centro-Oeste, o povo dos não-direitos, da não-cidadania, o povão que foi aprisionado até no nome, em uma subclasse, uma subcategoria social?

QUANDO UM ESTRANGEIRO CHEGA AO BRASIL, OS LUGARES COMUNS SE DESCONSTROEM RAPIDAMENTE E A IMAGEM-CHAVÃO DE UM PAÍS FELIZ SE ESFUMAÇA

Na primeira vez que visitei o Rio, cidade que no meu imaginário estrangeiro era o cálice da felicidade, levei um susto enorme. Era impossível não me perguntar como essa cidade, construída na obscenidade de uma desigualdade brutal, podia ser associada à ideia de felicidade. Uma mãe moradora de morro, que dia a dia contempla as possibilidades e o futuro brilhante dos filhos dos outros, os de riqueza descarada, mas cujo próprio filho tem grande probabilidade de morrer jovem, assassinado, pode ser feliz?

Uma desigualdade tão cruel permite ser feliz? Quem vive algemado numa estrutura de guetos tão feroz pode ser feliz? As famílias dos 700 mil presos do país são felizes? As famílias dos 50 mil mortos e das 50 mil mulheres estupradas ao ano segundo as estatísticas oficiais? Sim, talvez sim. Talvez seja aquela felicidade de quem sobrevive. Desculpem-me a ignorância, as perguntas de alguém que vai se tornando menos estrangeira, mas que ainda continua sem saber.

De fora, existe um só Brasil, que parece uniformizado, tão homogêneo e fácil de entender. Um Brasil que parece feliz, sim. De dentro, esse clichê se derruba rápido. São tantos Brasis entrecruzados, paradoxais, labirínticos, difíceis, duros... Qual desses “povos brasileiros” é feliz? Não sei; ainda não consigo saber.

PARA TUDO SE ACABAR NA QUARTA-FEIRA

O carnaval é um fetiche brasileiro por excelência e, para o estrangeiro, um conceito definidor do país. Recém-chegada ao Brasil, fui ao sambódromo do Anhembi para ver, da primeira fila, esta festa em superlativo. Durante o desfile, não deixava de pensar em como aquele espetáculo era ícone de uma certa felicidade trágica.

As lindas passistas e porta-bandeiras, o arrebatado súbito na avenida. Policromia, brilho, luz: tudo compõe uma festa grandiosa. O carnaval, assim como o futebol, é uma catarse. E as catarses sempre escondem suas sombras. As rainhas e as Globelezas têm reinados breves. Sua alegria sexualizada em forma de mercadoria

não cura úlceras antigas e sempre constantes, como a vida e suas rotinas que regressam insistentes.

COMPLEXO DE VIRA-LATA

Se a melancólica alegria do carnaval me surpreendeu, um outro fenômeno até hoje me deixa também um tanto estupefata. Trata-se do insigne complexo de vira-lata: o complexo dramático, a fatalidade constante. Tudo está horrível no Brasil. É o pior lugar do mundo para se ter um filho, estudar, adoecer, trabalhar... O mundo lá fora é um mundo de paraísos, ver-géis, oportunidades infinitas, vidas cor-de-rosa, paz de barriga, de bolso e d'alma. No mundo daqui de dentro, em compensação, problemas irresolúveis, agonias, trânsito, assaltos.

Aparentemente, a felicidade é incompatível com este espírito tão teimoso de tragédia grega, o qual assume que só o que vem de fora é bom. Pode-se ser feliz no viralatismo? Suspeito que sim, mas não tenho certeza ainda.

COISA ESTRANHA E DOLOROSA

Aos olhos de quem vem de fora, uma coisa é certa: o Brasil nada tem a ver com sua imagem de reduzida e simplificada felicidade. Quando se chega aqui, os lugares comuns por tanto tempo elaborados se desconstruem e a imagem-chavão de um país banalmente feliz se esfumaça. As afirmações se desgastam rápido e um turbilhão de interrogações e dúvidas aparece. O povo brasileiro é um povo feliz?

Meu olhar de estrangeira, ou de estrangeira que a cada dia o é menos, ainda está perplexo e tentado a descobrir os significados deste país. Mas de algo já estou convencida: o povo brasileiro – ou os povos brasileiros, este conjunto de labirintos sociais fascinantes – deve pensar sobre sua felicidade e lutar por ter preservado seu direito, indiscutível, insubstituível, inalienável, de traçar os seus próprios caminhos até ela, sem esquecer que felicidade é “coisa estranha e dolorosa”, como disse Cecilia Meireles em *Epigrama N° 2*. ●

ESTHER SOLANO GALLEGOS > Professora da UNIFESP > prof.esther.solano@gmail.com